Validade da presente legislação canónica sobre o matrimónio

Tudo o que estamos a dizer propõe-se confortar em vós a consciência da missão que a Igreja vos confia e, pelo mesmo motivo, a confiança na sua legislação, quer porque ela é ditada por critérios superiores, hauridos nas fontes teológicas, quer porque experimentada por uma tradição secular, fundamentada no autêntico e profundo conhecimento do homem e orientada para a sua salvação transcendente. Sim, é preciso ter confiança na legislação da Igreja.

A este respeito e como conclusão destas simples palavras, não podemos esconder a surpresa que nos causou, e não só a nós, o eco que também nos chegou de algumas expressões de crítica, excessiva na forma como foi feita, e não inteiramente fundada na substância, a propósito da presente legislação canónica sobre o matrimónio; expressões pronunciadas por uma pessoa muito autorizada, num lugar e numa ocasião, dignos, mais do que outros, da mais reverente e objectiva linguagem.

O episódio é conhecido. Referimo-nos apenas a ele para que vós, especialistas e interessados na matéria, saibais que não podemos compartilhar alguns juízos então pronunciados sobre a disciplina, em vigor na Igreja, acerca de um assunto de tanta importância. É verdade que aos elementos negativos do episódio se seguem os elementos positivos, que consideramos com verdadeiro reconhecimento. Mas parece-nos que os valores afirmados nesses elementos positivos, mais do que confirmarem os negativos, os rectificam, de modo que o resultante juízo de mérito sobre a vigente legislação canónica do matrimónio ainda hoje merece a confiança da Igreja, como intérprete e tutora de normas sagradas e fundamentais para o homem, para o matrimónio, para a família e para a sociedade, embora, segundo a doutrina do recente Concílio, estas normas venham a ser formuladas, como esperamos, numa legislação mais completa e moderna.

Prossegui, portanto, confiantes na vossa sábia e meritória actividade.

Com a nossa bênção apostólica.

(Transcrito de *L'Osservatore Romano*. Edição semanal em português, Ano V, n.º 6, 10-2-1974, p. 4).

Homilias: "Cristo que passa" (*)

I. A PROXIMIDADE DE DEUS

«O cristão nunca é um homem solitário, posto que vive numa conversa contínua com Deus» [1]. Esta proximidade de Deus, que é um Pai que ama os seus filhos [2], talvez seja o que se percebe de maneira mais viva, desde as primeiras páginas do livro. As coisas são vistas num panorama profundo e novo, que é tão antigo, ao memo tempo, como o Evangellho [3], porque se põe a descoberto o seu sentido divino: «se o mundo saiu das mãos de Deus, se Ele criou o homem à sua imagem e semelhança e lhe deu uma chispa da sua luz, o trabalho da inteligência deve ser — embora seja um trabalho duro — desentranhar o sentido divino que naturalmente já têm todas as coisas. E com a luz da fé, compreendemos também o seu sentido sobrenatural, que resulta da nossa elevação à ordem da graça» [4].

Deus não só não está longe, como até se encontra continuamente pendente de nós: «reparai nesta maravilha que é o cuidado que Deus tem por nós, sempre disposto a ouvir-nos, atento em cada momento à palavra do homem... O Senhor ouve-nos para intervir, para Se meter na nossa vida, para nos livrar do mal e encher-nos de bem» [5].

---

* JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER, *«Cristo que passa», Homilias*; Prumo-Aster, Lisboa. 1974. A maior parte das homilias que se recolhem agora neste volume já tinham sido publicadas por separado e em várias línguas — alemão, francês, inglês, italiano, etc. —, tendo tido ampla difusão por toda a parte. O volume actual recolhe apenas uma pequena parte — nem sequer todas as homilias já publicadas — do abundante material inédito, fruto de um intenso labor sacerdotal de quase cinquenta anos; concretamente, algumas das homilias pronunciadas com ocasião de festas litúrgicas. O livro de *Homilias* alvo desta nota apareceu em Março de 1973, esgotou-se rapidamente e, actualmente, atingiu já a sexta edição. Estes dados tornam-se mais expressivos do que qualquer comentário sobre a importância e o interesse desta nova obra de Mons. Escrivá de Balaguer.

[1] «Cristo presente nos cristãos», n.º 115, pág. 213.

[2] «O Deus da nossa fé não é um ser longínquo, que contempla com indiferença a sorte dos homens, os seus afãs, as suas lutas, as suas angústias. É um pai que ama os seus filhos»: «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 84, pág. 167.

[3] Cfr. «A vocação cristã», n.º 1, pág. 20.

[4] «A vocação cristã», n.º 10, pág. 33.

[5] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 57, págs. 111-112.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

1. Para além das aparências

Chama especialmente a atenção a forma como se descobre que a acção de Deus é a razão última e mais profunda da nossa existência [6]. Não se trata de uma dimensão horizontal da vida terrena, em que o divino resulte ser um futuro onde finalmente tudo tenha a sua explicação, até então diferida. Deus não está nos confins da nossa vida diária, posto que *a sua acção é o que há de mais real e presente* já agora. A tal ponto que se não nos apercebemos de Deus, ficamos nas aparências, na aparente monotonia dos dias aparentemente iguais [7]. Para chegar ao verdadeiro conhecimento, necessitamos de ultrapassar essas aparências até descobrir por detrás de cada acontecimento a caridade do próprio Deus, o amor infinito com que nos ama [8]. Se evitarmos a cegueira, dar-nos-emos conta de que todas as situações por que atravessamos encerram uma mensagem divina, que nos pede que respondamos com amor, entregando-nos aos outros [9]: «todos os acontecimentos da vida — os de cada existência individual e, de algum modo, os das grandes encruzilhadas da História — os vejo como outras tantas chamadas que Deus dirige aos homens para olharem de frente a verdade, e como ocasiões oferecidas a nós, cristãos, para anunciar com as nossas obras e as nossas palavras, auxiliados pela graça, o Espírito a que pertencemos» [10].

Não desvirtuar a realidade

É evidente que nem sempre conseguimos ver as coisas com esta clareza: a acção divina «pode passar-nos despercebida, porque Deus nos não dá a conhecer os seus planos e porque o pecado do Homem turva e obscurece os dons divinos. Mas a Fé recorda-nos que o Senhor age constantemente: é Ele que nos criou e nos conserva no ser; que, com a sua graça, conduz a criação inteira para a liberdade da glória dos filhos de Deus» [11].

---

[6] «Cristo Rei», n.º 182 pág. 342.

[7] «O matrimónio, vocação cristã», n.º 24 pág. 61.

[8] «A história não está submetida a forças cegas nem é o resultado do acaso: é sim a manifestação das misericórdias de Deus Pai. Os pensamentos de Deus superam os nossos pensamentos, diz a Escritura; por isso, confiar no Senhor significa ter fé apesar dos pesares, indo para além das aparências. A caridade de Deus — que nos ama eternamente — está por detrás de cada acontecimento, embora por vezes de uma maneira oculta para nós»: «As riquezas da fé» (Homilia não incluida no presente volume), in *Rumo, Lisboa,* 1969.

[9] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 111, pág. 209.

[10] «O grande desconhecido», n.º 132, pág. 246.

[11] «O grande desconhecido», n.º 130, pág. 242.

Portanto, temos de reconhecer que é sempre *a nossa limitação* que, em momentos ou mesmo temporadas de obscuridade, nos impede de ver as coisas como *são,* e consequentemente temos de esforçar-nos por não viver num mundo de aparências, mas abrir os olhos e saber ver à nossa volta, para descobrir as chamadas contínuas que Deus nos dirige através de tudo o que nos rodeia [12]. Desta forma, irá assentando na nossa alma a grande verdade da nossa fé, que há-de mudar a nossa vida: «Deus ama-nos! O Omnipotente, o que fez os Céus e a Terra!

Deus interessa-Se pelas mais pequenas coisas das suas criaturas — pelas vossas e pelas minhas — e chama-nos, um a um, pelo nosso próprio nome. Esta certeza que a Fé nos dá faz-nos olhar o que nos cerca a uma nova luz, e, *permanecendo tudo igual, leva-nos a ver que tudo é diferente, porque tudo é expressão do amor de Deus»* [13].

Quando não reagimos assim, o que fazemos é *desvirtuar a realidade* [14]; querer, como os fariseus, «demonstrar que aquilo que aconteceu, uma boa coisa e um grande milagre, não aconteceu» [15]. Uma ciência que não conduz a reconhecer Deus, é uma estranha ciência: o desejo inútil de aniquilar Deus [16]; o discurso absurdo de quem tenta fazer, da luz, trevas [17].

A perspectiva que Deus nos dá

Deus é a Verdade, e as coisas são como *Ele as vê.* Por isso, quando nos decidimos a «tomar Deus a sério» tudo adquire um novo resplendor [18]. «As

---

[12] «Por Maria a Jesus», n.º 146, pág. 270.

[13] «Por Maria a Jesus», n.º 144, pág. 268.

[14] Cfr. «Na Epifania do Senhor», n.º 33, pág. 74.

[15] «Os fariseus querem demonstrar que aquilo que aconteceu, uma boa coisa e um grande milagre, não aconteceu. Alguns deles recorrem a raciocínios mesquinhos, hipócritas, muito pouco equânimes: curou num sábado e, como trabalhar ao sábado está proibido, negam o prodígio. Outros começam o que hoje se chamaria um inquérito. Vão ter com os pais do cego: *É este o vosso filho, que vós dizeis que nasceu cego? Como vê, pois, agora?* O medo aos poderosos leva a que os pais respondam com uma frase que reune todas as garantias do método científico: *sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; mas não sabemos como ele agora vê, ou quem lhe abriu os olhos não sabemos também; perguntai-o a ele mesmo; tem idade, ele mesmo fale de si.*

Os que faziam o inquérito não podem crer, porque não querem crer». — «O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade», n.º 69, págs. 135-6.

[16] Cfr. «Na Epifania do Senhor», n.º 33, pág. 76.

[17] Cfr. «A conversão dos filhos de Deus», n.º 63, pág. 122.

[18] Cfr. «Na Epifania do Senhor», n.º 32, pág. 73.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

relações com Deus são necessariamente relações de entrega e assumem um sentido de totalidade. A atitude do homem de fé é *olhar a vida, em todas as suas dimensões, com uma perspectiva nova: a que nos dá Deus»* [19]. Descobre-se então o que é central, verdadeiramente importante: cumprir a vontade de Deus, porque *se não, nada vale a pena* [20]. Isto é o que há de mais alheio ao desinteresse pelas coisas e pelas pessoas, porque a fé cristã nunca induz à indiferença, nem cerceia os impulsos nobres da alma, antes os engrandece ao revelar o seu verdadeiro e mais autêntico sentido [21].

2. O divino é o mais real

Se o olhar e o amor de Deus nos rodeiam e penetram — não sendo *o mais aparente,* mas sim *o mais real* —, compreende-se que, para quem vive de fé, o mundo *do sobrenatural* é, passe a expressão, *realíssimo.* A Trindade, Cristo ressuscitado, a graça, são, por se tratar do propriamente divino, ainda mais «verdade» — e mais reais, no sentido forte da palavra —, do que as coisas sensíveis que apalpamos: são a verdadeira consistência da realidade.

Perfectus Deus, perfectus Homo

Com a sua revelação, Deus — esse Deus que sabemos tão perto; sabemos, mas não induzimos —, fez-se ainda mais próximo. A *Incarnação* não é de forma nenhuma um *ocultamento,* mas o *modo de que o divino se torne mais acessível para o homem.* Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, manifesta aos homens a sua doutrina de salvação e dá-lhes a conhecer o amor de Deus, procedendo de modo humano e divino [22]. Embora seja Mestre e fale com autoridade, como Messias enviado por Deus, é ao mesmo tempo acessível e próximo [23]: «cada um dos seus gestos humanos é gesto de Deus. *Em Cristo habita toda a plenitude da divindade corporalmente.* Cristo é Deus feito homem; homem perfeito; homem cabal. E, *na sua humanidade, dá-nos a conhecer a divindade»* [24].

[19] «Na oficina de José», n.º 46, pág. 98.
[20] Cfr. «A luta interior», n.º 76, pág. 151.
[21] Cfr. «O grande desconhecido», n.º 133, pág. 248.
[22] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 107, pág. 204.
[23] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 108, pág. 205.
[24] «Cristo presente nos cristãos», n.º 109, pág. 206.

É evidentemente um mistério. Mas, por isso mesmo, uma fonte de luz cuja sublimidade não é possível desconhecer: «esse Jesus que é homem, que fala com o sotaque de uma determinada região de Israel, que se parece com um artesão chamado José, esse é o Filho de Deus» [25]. Deus abeira-se de nós com andar humano, para se tornar mais compreensível: «as suas primeiras acções são risos e choros de criança, o sono inerme de um Deus humanado: para que fiquemos tomados de amor, para que saibamos acolhê-lo nos nossos braços» [26]. Pergunta como homem para que o entendamos mais facilmente, mas fala depois como Deus [27]. Por isso, ao contemplarmos a vida de Cristo, a sua delicadeza humana, a forma como «gasta a sua vida em serviço dos outros, fazemos muito mais do que descobrir um modo possível de nos comportarmos: *estamos a descobrir Deus. Toda a actuação de Cristo dá-nos a conhecer o modo de ser de Deus*; convida-nos a crer no amor de Deus, que nos criou e que quer levar-nos até à sua intimidade» [28]. As suas provas de misericórdia não implicam apenas um gesto sincero e nobre, como de alguém que se compadece dos seus semelhantes, mas revelam essencialmente a imensa caridade de Deus [29]. Cristo é precisamente a plenitude da Revelação [30].

Nestas páginas que estamos a comentar, fica patente a luminosidade da fé. Basta considerar como a realidade do ser divino de Jesus Cristo ilumina o mistério da Eucaristia: é a despedida; Jesus é perfeito Homem, «não é difícil imaginar em parte os sentimentos do Coração de Jesus Cristo naquela tarde, a última que passava com os seus antes do sacrifício do Calvário. Lembremo-nos da experiência tão humana da despedida de duas pessoas muito amigas. Desejariam ficar sempre juntas, mas o dever — seja ele qual for — obriga-as a afastar-se uma da outra» [31]. E os homens deixam um símbolo, uma recordação; não podem fazer mais. Mas «o que não está na nossa mão, consegue-o o Senhor. Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, não deixa um símbolo, mas uma realidade. Fica Ele mesmo» [32].

[25] «Na oficina de José», n.º 55, pág. 107.
[26] «Na Epifania do Senhor», n.º 36, pág. 82.
[27] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 108, pág. 205.
[28] «Cristo presente nos cristãos», n.º 109, pág. 207.
[29] Cfr. «O Coração de Cristo, paz dos cristãos», n.º 169, pág. 311.
[30] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 105-7, págs. 200-4.
[31] «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 83, pág. 166.
[32] Ibidem.

UNIVERSIDAD DE NAVARRA
BIBLIOTECA DE HUMANIDADES

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Cristo vive

Deus já próximo, fez-se ainda mais acessível a nós em Cristo. E Cristo vive, hoje, agora, enchendo de conteúdo a nossa fé [33]: «Cristo não é uma figura que passou, que existiu em certo tempo e que se foi embora, deixando-nos uma recordação e um exemplo maravilhoso. Não. Cristo vive. Jesus é Emanuel: Deus connosco. A sua Ressurreição revela-nos que Deus não abandona os seus» [34]. E «vive, também como homem, com aquele mesmo corpo que assumiu na Encarnação, que ressuscitou depois da Cruz e subsiste glorificado na Pessoa do Verbo juntamente com a sua alma humana» [35].

A fé dá-nos as *verdades mais reais*: «podemos seguir Cristo tão de perto como Santa Maria, sua Mãe; como os primeiros Doze; como as santas mulheres; como aquelas multidões que se apertavam ao Seu redor» [36]. Podemos «ouvir Deus, falar-Lhe, vê-Lo, saboreá-Lo...». Jesus subiu aos céus, mas o cristão pode, na oração e na Eucaristia, conviver com Ele nos mesmos moldes dos primeiros doze [38]. Até lhe custa — e o realismo é deslumbrante — «acostumar-se à ausência física de Jesus» depois da Ascensão, porque apesar de «num gesto magnífico de amor, ter ido embora e ter ficado...», «sentimos no entanto a falta da sua palavra humana, do seu modo de actuar, de olhar, de sorrir, de fazer o bem. Gostaríamos de voltar a vê-Lo de perto, quando se senta à beira do poço, cansado da dureza do caminho, quando chora por Lázaro, quando reza durante longo tempo, quando se compadece da multidão» [39].

Desta forma, portanto, «Jesus está sempre junto de nós, e permanece fiel» [40]. É necessário convencer-se de que Jesus nos dirige pessoalmente as

[33] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 102, pág. 197.
[34] «Cristo presente nos cristãos», n.º 102, pág. 197.
[35] «Cristo Rei», n.º 180, pág. 337.
[36] «Cristo presente nos cristãos», n.º 107, pág. 203.
[37] Cfr. «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 87, pág. 171.
[38] «Jesus subiu aos céus, dizíamos. Mas o cristão pode, na oração e na Eucaristia, conviver com Ele nos mesmos moldes dos primeiros doze, abrasar-se no seu zelo apostólico, para com Ele fazer um serviço de corredenção, que é semear a paz e a alegria. Servir, pois: o apostolado não é outra coisa. Se contamos exclusivamente com as nossas próprias forças nada conseguiremos no terreno sobrenatural; sendo instrumentos de Deus, conseguiremos tudo: *tudo posso n'Aquele que me conforta*. Deus, pela sua infinita bondade, dispôs-se a utilizar estes instrumentos ineptos. Daí que o Apóstolo não tenha outro fim senão deixar agir o Senhor, mostrar-se inteiramente disponível, para que Deus realize — através das suas criaturas, através da alma escolhida — a sua obra salvadora». — «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 120, pág. 223.
[39] «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 117, pág. 218.
[40] «Na festa do Corpo de Deus», n.º 160, pág. 292.

mesmas perguntas que fazia aos discípulos, e que, tal como lhes aconteceu a eles, «Jesus passa ao nosso lado e espera de nós — hoje, agora — uma grande mudança» [42].

No mundo da vida sobrenatural

Hoje, como outrora, Jesus conduz-nos ao Pai e ao Espírito Santo, e aprendemos a privar com a Santíssima Trindade, Deus Uno e Trino, as três Pessoas divinas na unidade da sua substância, do seu amor, da sua acção eficazmente santificadora [43].

É o mundo da vida sobrenatural, essa realidade maravilhosa em que Cristo nos introduziu: «e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele. Não são meras promessas. São o que há de mais profundo, a realidade de uma vida autêntica: a vida da graça, que nos demove a relacionar-nos íntima, pessoal e directamente com Deus» Pai, Filho e Espírito Santo; «é a actuação trinitária nas nossas almas. Todo o cristão tem acesso a esta inabitação de Deus no mais íntimo do seu ser se corresponde à graça» [44].

«A Santa Missa... é a própria doação da Trindade à Igreja» [45]; é «acção divina, trinitária, não humana. O sacerdote que celebra serve o desígnio divino do Senhor pondo à sua disposição o seu corpo e a sua voz. Não age, porém, em nome próprio, mas *in persona et in nomine Christi*» [46]. É certo que «os nossos corações, de si tão mesquinhos, são capazes de viver com rotina a maior doação de Deus aos homens» [47]; podemos *ficar nas aparências*, não prestar atenção à grandeza do que acontece, mas esta nossa capacidade de nos acostumarmos aos factos mais sublimes, esquecendo-nos mesmo de como são realmente, não tira nada à sua verdade, *só exprime a nossa pequenez*. Por isso, certo é que «assistindo à Santa Missa, aprenderemos a falar, a privar com cada uma das Pessoas divinas: com o Pai, que gera o Filho, com o Filho, que é gerado pelo Pai, e com o Espírito Santo, que procede dos dois» [48].

A presença e a actuação do Espírito Santo dominam tudo [49]: «esta *realidade profunda* que o texto da Sagrada Escritura nos dá a conhecer não é uma

[41] Cfr. «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 15, pág. 44.
[42] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 59, pág. 115.
[43] «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 86, pág. 169.
[44] «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 118, pág. 219.
[45] Cfr. «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 87, pág. 170.
[46] «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 86, pág. 170.
[47] «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 87, pág. 171.
[48] «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 91, pág. 176.
[49] Cfr. «O grande desconhecido», n.º 127, pág. 239.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

simples recordação do passado, de uma espécie de idade de oiro da Igreja, perdida na História. *Acima* das misérias e dos pecados de cada um de nós, é *também a realidade da Igreja de hoje e da Igreja de todos os tempos»* [50]. É verdade que as nossas limitações e pecados tornam por vezes difícil reconhecê-la; mas trata-se novamente da insuficiência humana e da nossa tendência para a superficialidade, que nos detêm nas *aparências,* impedindo transcender o que há de mutável, de transitório e de acidental, para chegar ao fundo das coisas: *«o mais importante na Igreja não é ver* como correspondemos nós, os homens, mas sim *o que Deus realiza.* A Igreja é isso mesmo: Cristo presente entre nós; Deus que vem até à humanidade para a salvar, chamando-nos com a sua revelação, santificando-nos com a sua graça, sustentando-nos com a sua ajuda constante, nos pequenos e grandes combates da vida de todos os dias» [51].

3. Sentido sobrenatural e humano

O cristão é assim profundamente realista: não porque negue «a reiterada presença da dor e do desânimo, da tristeza e da solidão, durante a nossa peregrinação por esta terra», mas porque sabe que isso é apenas uma parte da verdade, ou melhor, é o nosso modo, humano e limitado, de a conhecermos. «Aprendemos pela fé com segurança que tudo isso não é o produto do acaso e que o destino da criatura não é caminhar para a aniquilação dos seus desejos de felicidade. A fé ensina-nos que *tudo tem um sentido divino,* pois esta é uma característica intrínseca e própria do caminho que nos leva à casa do Pai. Esta maneira sobrenatural de compreender a existência terrena do cristão, *não simplifica a complexidade humana,* mas assegura ao homem que *essa complexidade pode ser penetrada pelo nervo do amor de Deus,* pelo cabo forte e indestrutível, que liga a vida na terra com a vida definitiva na Pátria» [52].

Juntamente com o poder de Deus, o cristão reconhece todas as limitações inerentes à nossa condição de criaturas, e reconhece-as tal como são, na sua dimensão verdadeira: isto é, sem deter-se nelas, como se fossem tudo e negassem a verdade da acção divina. O cristão sabe que, mesmo nos momentos em que percebe mais profundamente a sua limitação, ele pode e deve unir-se a Deus Pai, a Deus Filho, a Deus Espírito Santo, porque participa da vida divina [53]. *«O cristão é realista, de um realismo sobrenatural e humano,* sensível a todos os matizes da vida: a dor e a alegria, o sofrimento próprio e alheio, a

[50] «O grande desconhecido», n.º 128, pág. 239.
[51] «O grande desconhecido», n.º 131, pág. 244.
[52] «A Virgem santa, causa da nossa alegria», n.º 177, págs. 329-330.
[53] Cfr. «Na festa do Corpo de Deus», n.º 160, págs. 292-3.

certeza e a perplexidade, a generosidade e a tendência para o egoísmo... O cristão conhece tudo e com tudo se enfrenta, cheio de inteireza humana e de fortaleza recebida de Deus» [54].

Portanto, o cristão, seguro de contar com a força e o poder de Deus, não pretende, contudo, um mundo tornado transparente ao seu conhecimento e acção. Precisamente pelo facto de reconhecer a grandeza divina da criação, sabe que não pode dominá-la a seu arbítrio, e que a luta, o cansaço, não conseguir sempre o que pretende, são inseparáveis da sua vida. «O esforço por cumprir a pessoal ocupação ordinária será ocasião de viver dessa Cruz que é essencial para o Cristão. A experiência da vossa debilidade, os fracassos que existem sempre em todo o esforço humano, dar-vos-ão mais realismo, mais humildade, mais compreensão com os outros. Os êxitos e as alegrias convidar-vos-ão a dar graças, e a pensar que não viveis para vós mesmos mas para o serviço dos outros e de Deus» [55]. «Somos criaturas e estamos cheios de defeitos»; mas tudo isso não desalenta, *não obscurece a proximidade de Deus*; é, pelo contrário, «a sombra que, na nossa alma, faz com que se destaque mais, por contraste, a graça de Deus e a nossa tentativa de corresponder ao favor divino» [56].

O realismo profundo do cristão consiste em ver que «por cima das nossas misérias e dos nossos defeitos pessoais, brilha a luz de Deus, como o sol brilha por cima da tempestade» [57]. A pouco e pouco chega a perceber-se que «não existem os fracassos, se se age com rectidão de intenção e querendo cumprir a vontade de Deus, contando sempre com a sua graça e com o nosso nada» [58]. E desta maneira «a consciência da grandeza da dignidade humana — de um modo eminente e inefável, pois fomos, pela acção da graça, constituídos filhos de Deus —, é no cristão uma só coisa com a humildade, visto que não são as nossas forças que nos salvam e nos dão a vida, mas o favor divino» [59].

4. A luminosa obscuridade da fé

Resulta assim que o que há de mais certo, de *mais luminoso,* de mais seguro, seja Deus, *a fé,* a graça: «nós somos a obscuridade e Ele é resplendor

[54] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 60, pág. 118.
[55] «Na oficina de José», n.º 49, pág. 101.
[56] «A luta interior», n.º 76, pág. 151.
[57] «Na oficina de José», n.º 45. pág. 98.
[58] «A luta interior», n.º 76, pág. 151.
[59] E prossegue: «É uma verdade que não pode esquecer-se nunca porque, então, o *endeusamento* se perverteria, convertendo-se em presunção, soberba e, mais cedo ou mais tarde, ruina espiritual perante a experiência da própria fraqueza e miséria». — «O grande desconhecido», n.º 133, pág. 249.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

claríssimo; somos a doença e Ele a saudável robustez; somos a escassez e Ele a infinita riqueza; somos a debilidade e Ele sustenta-nos, *quia tu es, Deus, fortitudo mea,* porque és sempre, ó Deus meu, a nossa fortaleza»[60].

Nas *Homilias* percebe-se um protesto contra a tendência a vincar excessivamente a obscuridade da fé. É verdade que «a nossa lógica humana não serve para explicar as realidades da graça»[61]. Porém não se deve ao facto de a luz divina ser escassa, mas à pequenez humana que pode velar os olhos, de modo que não advirtam a grandeza divina[62]. E assim, essa certa obscuridade em que o divino se nos apresenta, é já, por si mesma, uma luz: descobre-nos a grandeza de Deus e a necessidade da disposição humilde da alma que permite escutar a voz de Deus[63].

Porque, se não se actua assim «perante a grandeza de Deus... há quem fique desconcertado, e mesmo quem se escandalize, sem nada entender. Dir-se-ia que *não admitem a existência de outra realidade para além dos seus acanhados horizontes terrenos*»[64]. Pelo contrário, quando se aceita o mistério pela fé, pouco a pouco experimenta-se o amor de Deus[65], porque «a nossa relação com Deus não é a de um cego que anseia pela luz mas que geme entre as angústias da obscuridade; é a de um filho que se sabe amado por seu Pai»[66].

Portanto, para perceber a luminosidade da fé «necessitamos das disposições humildes da alma cristã: não pretender reduzir a grandeza de Deus aos nossos pobres conceitos, às nossas explicações humanas, mas compreender que *esse mistério, na sua obscuridade, é uma luz* que guia a vida dos homens»[67]. Assim, «com este acatamento,... o mistério será para nós um esplêndido ensinamento, *mais convincente do que qualquer raciocínio humano*»[68]: teremos a alma e o coração abertos para reconhecer as maravilhas de Deus[69].

Desde a aceitação rendida do mistério, começa a compreender-se o que o

[60] «A luta interior», n.º 80, pág. 157.
[61] «A vocação cristã», n.º 3, pág. 23.
[62] Cfr. «A luta interior», n.º 80 pág. 157.
[63] Cfr. «Na Epifania do Senhor», n.º 33, pág. 75.
[64] «Esta cena continua a repetir-se nos nossos dias. Perante a grandeza de Deus, perante a decisão — seriamente humana e profundamente cristã — de viver de modo coerente com a fé, há quem fique desconcertado, e mesmo quem se escandalize, sem nada entender. Dir-se-ia que não admitem a existência de outra realidade para além dos seus acanhados horizontes terrenos»: «Na Epifania do Senhor», n.º 33, pág. 74.
[65] Cfr. «A vocação cristã», n.º 8, pág. 30.
[66] «Por Maria a Jesus», n.º 142 pág. 264-265.
[67] «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 13, pág. 41.
[68] «O triunfo de Cristo na humildade, n.º 13, pág. 41.
[69] Cfr. «Na oficina de José», n.º 54, pág. 106.

autor gosta de chamar «a lógica de Deus»[70]: Deus excede-se... «a única norma ou medida que nos permite compreender de algum modo essa maneira de actuar de Deus é reparar que não tem medida»[71]. Indicam-se assim, *sob a luminosidade do mistério,* caminhos de inesperada profundidade: «ao meditar nestas verdades percebemos um pouco mais a lógica de Deus. Compreendemos que o valor sobrenatural da nossa vida não depende de que se tornem realidade as grandes façanhas que por vezes forjamos com a imaginação, mas da aceitação fiel da vontade divina, da disposição generosa nos pequenos sacrifícios diários.

Para sermos divinos, para nos «endeusarmos», temos de começar por ser muito humanos, vivendo face a Deus dentro da nossa condição de homens correntes, santificando esta aparente pequenez. Assim viveu Maria»[72]. Mas é preciso que não nos acostumemos aos milagres que se operam diante de nós[73], que lutemos contra essa *estranha capacidade para nos esquecermos das coisas mais maravilhosas,* para nos acostumarmos ao mistério[74]. Só assim, aprenderemos a fazer da «dura senda dos homens, o amável caminho da Cruz»[75].

5. A ordem do conhecimento teológico

Deus e a graça são o mais real que encontramos, a fé é muito mais luminosa do que a razão: duas afirmações que surpreendem o nosso modo habitual de julgar. E, contudo, não deveria ser assim, se recordássemos que as criaturas procedem de Deus— não são, senão por participação dEle — e por isso, Deus não só é mais real do que as criaturas, mas toda e a sua única fonte de realidade. O que acontece é que o nosso conhecimento natural procede de modo inverso, indo trabalhosamente das criaturas ao encontro do Criador. E estamos demasiado habituados a ler obras teológicas que não são senão um remédio — um mau arranjo—, e não da filosofia, que é uma via para chegar a Deus, e base imprescindível da investigação teológica, mas de pensamentos filosóficos que perderam o caminho natural, «a sensibilidade para as coisas de Deus»[76]. Por isso, a radicalidade teológica dos escritos de Mons. Escrivá, chama poderosamente a nossa atenção.

[70] Cfr. «Cristo Rei», n.º 185, pág. 348.
[71] «Por Maria a Jesus», n.º 144, 268.
[72] «A Virgem Santa, causa da nossa alegria», n.º 172, pág. 319-320.
[73] Cfr. «Na Festa do Corpo de Deus», n.º 159, pág. 290.
[74] Cfr. «A conversão dos filhos de Deus», n.º 65, pág. 125.
[75] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 61, pág. 120.
[76] «Se se perde a sensibilidade para as coisas de Deus, dificilmente se compreenderá o Sacramento da Penitência. A confissão sacramental não é um diálogo humano, é um colóquio divino»: «A luta interior», n.º 78, pág. 154.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

O conhecimento de fé — e, por isso, de teologia, que é a ciência que nele se funda — segue efectivamente a ordem inversa: isto é, a ordem de procedência do real, de Deus para as criaturas. A perspectiva teológica, participa da perspectiva de Deus que, conhecendo-Se a Si mesmo, e num único olhar, conhece todas as coisas. As *Homilias* mantêm em todo o momento, com profundidade excepcional e ao mesmo tempo com um interesse que contagia — porque o verdadeiro conhecimento de Deus é sempre um saber saboroso—, essa perspectiva teológica: nelas, o «amor de Deus palpa-se», com mais força que as coisas sensíveis que, a posteriori, são apenas uma participação — a mais decaída — da infinita riqueza de Deus.

A força com que o divino se impõe

No meio da actual tendência para problematizar, para pôr tudo em dúvida, a obra de Mons. Escrivá de Balaguer *emerge* com a força de quem *fala com autoridade*. E, contudo, em nenhum momento temos sequer a impressão de que nos imponha uma só opinião pessoal. O que nas suas palavras *se nos impõe é a força imensa da realidade* — a realidade de Deus — exposta efectivamente por quem a conhece melhor. E, ao conhecê-la, mostra-a.

O seu modo de falar de Deus, é o mais contrário ao do personagem que descrevia um conhecido escritor do século passado. Um homem que tinha por fim encontrado, depois de muitos esforços, a *prova perfeita* da imortalidade da alma e, um dia, se encontrou de repente em perigo de morte: mas não soube como comportar-se, porque não levava consigo o caderno onde tinha apontado a prova.

Não é através de custosas 'provas' — de uma complexa escolástica que permita 'demonstrar' o que já se sabe—, como nos ilumina; mas, simplesmente, com a sua experiência real dos caminhos directos — que aí estão —, e que conduzem ao conhecimento dessa inesgotável realidade de Deus e das coisas em Deus.

Por isso, não levanta problemas: resolve os que temos. E a sua certeza não é uma certeza subjectiva, mas a própria verdade da realidade, a certeza objectiva da fé: esta fé que nos permite «penetrar nessa verdade sublime que ultrapassa todo o entendimento e maravilharmo-nos com o amor de Deus» [77].

[77] «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 101, pág. 193.

Falar a partir de Deus

Essa nítida realidade do divino — que a fé nos faz ver — *impõe-se-nos* com toda a sua força, porque antes se impôs ao autor: «*Non est abbreviata manus Domini,* a mão de Deus não se encurtou: Deus não é menos poderoso hoje do que em outras épocas, nem é menos verdadeiro o seu amor pelos homens» [78]. Mons. Escrivá fala na presença de Deus, sabendo-se *contemplado por Deus* antes do que pelos homens. Não fala condicionado por juizos humanos, mas pendente do juizo de Deus: «o Senhor insiste: pede-me, e eu te darei as nações em herança, e em teu domínio as extremidades da terra. Tu as governarás com vara de ferro, e quebrá-las-ás qual vaso de oleiro. São promessas fortes e são de Deus. Por isso, não podemos dissimulá-las. Não é em vão que Cristo é o Redentor do mundo, e reina, soberano, à direita do Pai. É o terrível anúncio daquilo que espera cada um de nós, quando a vida passar — porque passa — e a todos, quando a história acabar, se o coração se endurece no mal e na desesperança» [79]. Daqui a riqueza e a genuinidade das suas apreciações, o seu estilo tão directo, a ausência de complicados raciocínios. Em nenhum momento dá a impressão de chegar a Deus ou à Igreja *reflectindo sobre a sua fé,* como se esta se referisse indirecta e trabalhosamente às realidades divinas. Pelo contrário, a fé aparece como um meio transparente, que leva a conhecer a Deus — sem se interpôr entre Ele e o homem —, mas tornando imediato Deus e, por conseguinte, mostra-se como uma fé operativa, que impõe comportar-se segundo o querer divino, patente. Deus é o primeiramente visto, e a partir do qual se contempla toda a vida cristã, tratando de vê-la como Deus a vê: e assim, a própria fé contempla-se a partir de Deus, como se contempla a Igreja, que aparece em toda a pureza da sua origem divina — o importante não é o modo como respondem os homens, mas o que Deus faz [80] —, e é a partir de Deus que se raciocina para resolver os problemas teológicos.

A novidade de Deus

Estamos assim em melhores condições para explicar qual é a raiz dessa força original do seu conhecimento teológico. A teologia é saber de Deus e das coisas de Deus. Se se sabe mais de Deus, sabe-se mais de Deus *todo* e de *todas* as coisas em Deus. Conhecê-Lo melhor, implica ter uma visão mais profunda de qualquer tema da teologia. Por isso, nas *Homilias* encontramos continuamente perspectivas novas.

[78] «O Grande Desconhhecido», n.º 130, pág. 242.
[79] «Cristo Rei», n.º 186, pág. 349.
[80] Cfr. «O Grande Desconhecido», n.º 131, pág. 244.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Mas há que entender bem esta novidade. É a novidade de um melhor conhecimento de Deus, que por isso participa na própria *novidade de Deus*. É evidente que Deus, riqueza infinita, *não necessita de mudar* para Se oferecer como novo: a novidade de Deus é a inesgotável riqueza do Seu Ser, do Seu Amor, da Sua Sabedoria. Renovar-se — dir-nos-á Mons. Escrivá de Balaguer — é «manter-se nas mãos de Deus» [81]. Por isso, a sua palavra apresenta-se-nos *profundamente ancorada na Tradição,* nesses vinte séculos de Igreja que ele tanto gosta de recordar; mas, ao mesmo tempo, é difícil de encontrar um ponto chave da teologia em que os seus escritos não aportem um novo matiz, uma peculiar riqueza, um novo motivo de gozosa contemplação.

Daqui, a árdua dificuldade de tentar resumir ou sintetizar as linhas fundamentais da rica teologia [82] que aparece recolhida nas *Homilias.* Basta propor-se um esquema qualquer para se dar conta de que ab *initio* está superado e é arbitrário: faria falta tratar toda a teologia. Pode dizer-se que *não há um problema importante* sobre o qual se interroguem hoje os teólogos que não apareça resolvido na sua raiz: e não através de abstractos raciocínios, mas de modo directo e imediato. Porque está visto a partir de Deus: e fundamentado nesse conhecimento. Ao mesmo tempo são numerosas as questões com que pela primeira vez ilumina a teologia [83], ou os matizes — há séculos esquecidos — que se nos apresentam com uma actualidade e frescura renovadas. Talvez por isso, um modo acessível para dar uma ideia da profundidade teológica das *Homilias,* seja mostrar essa profundidade do conhecimento de Deus e o modo como todas as coisas são vistas a partir de Deus.

---

[81] Cfr. «Na oficina de José», n.º 43, pág. 95.

[82] A ciência define-se como tal, porque conduz ao conhecimento da realidade; a ciência teológica, por isso, enquanto permite *saber mais de Deus.* É a plenitude com que algo se atinge o que *qualifica* a qualidade do meio para atingi-lo: não, obviamente, ao contrário. Daqui também, e compreende-se bem as razões, que sempre os avanços substanciais na teologia se tenham dado por homens de Deus, que prestaram grandes serviços à Igreja.

[83] São, por exemplo, muito sugestivas — por não aludirem a temas em que já é muito conhecida a fecundidade da sua doutrina teológica: como a santificação do trabalho, ou o chamamento universal à santidade — as perspectivas apontadas à volta do modo como a Encarnação — «esse mistério em que há qualquer coisa que deveria emocionar os cristãos» «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 13, pág. 40 — permite explicar o modo novo como a vida da graça nos capacita para tratar a Deus. Como se Deus — através da Humanidade de Cristo — tivesse passado não só a contar connosco para a execução dos seus desígnios, *mas a querer receber algo de nós*: «institui a Eucaristia para que possamos tê-Lo sempre perto de nós e porque — tanto quanto nos é possível entender —, movido pelo seu Amor, Ele, que de nada necessita, não quis prescindir de nós. A Trindade apaixonou-se pelo homem» «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 84, pág. 167-168.

II. GRANDEZA DIVINA DAS COISAS

1. A bondade da criação

A nossa fé não desconhece nada do belo, do generoso, do genuinamente humano, que há cá em baixo [1]. Pelo contrário, «leva-nos a ver o mundo como criação do Senhor, a apreciar, portanto, tudo o que é nobre e belo, a reconhecer a dignidade de cada pessoa, feita à imagem de Deus [2]: porque somos filhos de Deus contemplamos «com amor e com admiração todas as coisas que sairam das mãos de Deus Pai, Criador. E deste modo somos contemplativos no meio do mundo, amando o mundo» [3]: um *amor ao mundo que nasce do amor de Deus.*

Precisamente, porque em toda a acção podemos amar a Deus, mesmo a mais pequena adquire uma grandeza enorme: «esta dignidade do trabalho está fundamentada no Amor. O grande privilégio do homem é poder amar, transcendendo assim o efémero e o transitório. O homem pode amar as outras criaturas... E pode amar a Deus, que nos abre as portas do Céu, que nos constitui membros da sua família, que nos autoriza a falar-lhe também de tu a Tu, face a face» [4]. Isto é o que explica a grandeza da vida de Maria: «o amor. Um amor levado até ao extremo, até ao esquecimento completo de si mesma, contente por estar onde Deus quer que esteja e cumprindo com esmero a vontade divina. *Isso é o que faz com que o mais pequeno dos seus gestos nunca seja banal, mas cheio de significado»* [5].

Descobre-se assim, não só o *relevo de todas as coisas,* mas também *a sua unidade,* porque tudo vem de Deus e está para nos conduzir a Ele: a vida humana é, em certo modo, um constante voltar à casa do nosso Pai [6]. Tudo se resolve em trato com Deus: «Trabalhar assim é oração. Estudar assim é oração. Investigar assim é oração. Nunca saímos afinal do mesmo: tudo é oração, tudo pode e deve levar-nos a Deus, alimentar a nossa intimidade contínua com Ele,

---

[1] «A nossa fé não desconhece nada do que de belo, de generoso, de genuinamente humano há neste mundo. Ensina-nos que a regra do nosso viver não deve ser a procura egoista do prazer, porque só a renúncia e o sacrifício levam ao verdadeiro amor: Deus amou-nos e convida-nos a amá-Lo e a amar os outros com a verdade e a autenticidade com que Ele nos ama»: «O Matrimónio, vocação cristã», n.º 24, pág. 60-61.

[2] «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 99, pág. 191.

[3] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 65, pág. 125.

[4] «Na oficina de José», n.º 48, pág. 99.

[5] «Por Maria a Jesus», n.º 148, pág. 273.

[6] Cfr. «A conversão dos filhos de Deus», n.º 64, pág. 123.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

da manhã à noite. Todo o trabalho honrado pode ser oração e todo o trabalho que é oração, é apostolado. Deste modo, a alma fortalece-se numa unidade de vida simples e forte» [7]. O cristão aprende assim a transformar a sua «jornada, com naturalidade e sem espectáculo, num contínuo louvor a Deus. Manter-nos-emos na sua presença, como os que estão enamorados dirigem continuamente o seu pensamento à pessoa que amam, e todas as nossas acções — inclusivamente as mais pequenas — encher-se-ão de eficácia espiritual» [8].

2. Panorama da vocação cristã

Esta *grandeza divina* que as coisas têm naturalmente — porque procedem de Deus e podem e devem ser ocasião de O amar —, o cristão reconhece-a com gosto, porque vê nelas a mão do seu Pai Deus. Não obstante, é só um princípio: quase nada. O amoroso desígnio divino, mediante a elevação do homem à ordem sobrenatural, levou essa grandeza a *limites inesperados*: a grande ousadia da fé cristã é que *não se limita a proclamar o valor e a dignidade da natureza humana,* mas que afirma que «mediante a graça que nos eleva à ordem sobrenatural, fomos criados para *alcançar a dignidade de filhos de Deus.* Ousadia de certo incrível se não se baseasse no desígnio salvador de Deus Pai e não houvesse sido confirmada pelo Sangue de Cristo e reafirmada e tornada possível pela acção constante do Espírito Santo» [9]: a ousadia de nos sabermos parte da família de Deus [10].

Se já naturalmente todas as coisas são ocasião de encontrar e amar o Criador, para o cristão são além disso meios de identificar-se com Cristo: «não há situação terrena, por mais pequena e corrente que pareça, que não possa ser ocasião de um encontro com Cristo e etapa do nosso caminhar para o Reino dos Céus» [11]. «A fé diz-nos que o homem, em estado de graça, está *endeusado.* Somos homens e mulheres; não anjos. Seres de carne e osso, com coração e paixões, com tristezas e alegrias; mas a divinização envolve o homem todo, como antecipação da ressurreição gloriosa» [12]. Deus vai revelando os seus desígnios e o homem não pode senão surpreender-se, admirar-se [13], à medida

[7] «A vocação cristã», n.° 10, pág. 34.
[8] «A Ascensão do Senhor aos céus», n.° 119, pág. 222.
[9] «O Grande Desconhecido», n.° 133, pág. 248.
[10] Cfr. «Na oficina de José», n.° 39, pág. 89.
[11] «O Matrimónio, vocação cristã», n.° 22, pág. 57-58.
[12] «Cristo presente nos cristãos», n.° 13, pág. 198.
[13] «José surpreende-se. José admira-se. Deus vai-lhe revelando os seus desígnios e ele esforça-se por compreendê-los. Como toda a alma que quer seguir de perto Jesus,

que vai descobrindo a grandeza da sua vocação de filho de Deus, que é portador da única chama capaz de acender os corações feitos de carne [14]: «*Deus dá à vida santa dos que cumprem a sua vontade, dimensões insuspeitadas*: o que a torna importante, o que dá valor a todas as coisas, o que a torna divina. À vida humilde e santa de S. José, Deus acrescentou — se me é permitido falar assim — a vida da Virgem Maria e a de Jesus Nosso Senhor» [15].

Não pode o cristão viver numa vida estreita que não é vida [16], porque foi chamado a uma vida de fé, de esperança e de caridade: não pode baixar a mira e ficar-se num medíocre isolamento [17]; e assim, «quem compreende o reino de Cristo propõe, reconhece que vale a pena jogar tudo para o conseguir: é a pérola que o mercador adquire à custa de vender tudo o que possui, é o tesoiro encontrado no campo» [18]. «Tudo o que é caduco, o que é prejudicial, o que não serve — o desânimo, a desconfiança, a tristeza, a cobardia — tudo isso tem de ser deitado fora. A Sagrada Eucaristia introduz a novidade divina nos filhos de Deus e devemos corresponder *in novitate sensus,* com uma renovação de todo o nosso sentir e de todo o nosso agir. Foi-nos dado um novo princípio de energia, uma raiz poderosa, enxertada no Senhor» [19].

Deus não edifica sobre a desordem de uma vida desumana

A radicalidade do sentido divino da nossa vida não implica de modo algum perda de sentido humano; pelo contrário, é um novo título para o exigir: «se a nossa vida é desumana, Deus nada edificará nela, porque habitualmente não

descobre logo que não é possível andar com passo ronceiro, que não pode viver da rotina. Porque Deus não se conforma com a estabilidade num nível conseguido, com o descanso no que já se tem. Deus exige continuamente mais e os seus caminhos não são os nossos caminhos humanos»: «Na oficina de José», n.° 54, pág. 106.
[14] Cfr. «A conversão dos filhos de Deus», n.° 66, pág. 127.
[15] «Na oficina de José», n.° 40, pág. 91.
[16] Cfr. «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.° 93, pág. 179.
[17] «Foste chamado a uma vida de fé, esperança e caridade. Não podes cruzar os braços e refugiar-te num medíocre isolamento.

Em certa ocasião, vi uma águia encerrada numa jaula de ferro. Estava suja e meia depenada. Tinha entre as garras um pedaço de carne podre. Pensei então no que seria de mim se abandonasse a vocação recebida de Deus. Tive pena daquele animal solitário, enjaulado, que tinha nascido para subir muito alto e olhar de frente o sol»: «A vocação cristã», n.° 11, pág. 35.
[18] «Cristo Rei», n.° 180, pág. 339.
[19] «Na Festa do Corpo de Deus», n.° 155, pág. 285.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

constrói sobre a desordem, sobre o egoísmo, sobre a prepotência»[20]. É uma constante no ensino teológico de Mons. Escrivá de Balaguer: «Não me cansarei de vos repetir: temos de ser muito humanos, porque, de outro modo, também não poderemos ser divinos»[21]. Se para sermos divinos, tivéssemos de deixar de ser humanos — ou mais ainda, precisa o autor, pudéssemos sê-lo sem ser humanos —, Deus contradizer-se-ia, o homem teria sido desacerto de Deus. E isto é o que não é possível: são as supostas incompatibilidades que alguns tratam de ressuscitar com periódica monotonia e que, na realidade, «só podem surgir, e só na aparência, quando não se entendem os termos reais do problema»[22], porque tudo vem de Deus e tudo pode e deve conduzir a Deus[23].

Portanto, não se trata de negar o humano mas de «recordar que a vida cristã encontra o seu sentido em Deus. Nós os homens não fomos criados apenas para edificar um mundo o mais justo possível: para além disso, fomos colocados na Terra para entrar em comunhão com o próprio Deus. Jesus não nos prometeu a comodidade temporal, nem a glória terrena, mas a casa de Deus Pai, que nos espera no final do caminho»[24]. Isto é, que «no meio das ocupações de cada jornada, no momento de vencer a tendência para o egoismo, ao sentir a alegria da amizade com os outros homens, em todos esses instantes o cristão deve reencontrar Deus. Por Cristo e no Espírito Santo, o cristão tem acesso à intimidade de Deus Pai, e percorre o seu caminho buscando esse reino, que não é deste mundo, mas que neste mundo se inicia e prepara»[25]. E do qual, em última análise, a sua bondade é uma consequência, o *acréscimo*: a paz na sociedade, a paz na Igreja, a paz na própria alma dependem da paz de Deus que se consumará quando venha a nós o seu reino[26]. Quando se trabalha, com a consciência de cumprir a vontade de Deus, quando se visa a auto-afirmação, é quando o humano se fecunda, quando a personalidade amadurece[27].

Esta é a grande perspectiva da fé: o grande do humano é o seu sentido divino. «Jesus, crescendo e vivendo como um de nós, revela-nos que a existência humana, a vida corrente e ordinária tem um sentido divino»[28]; quer ter um coração de carne como o nosso[29], para que nós amemos «a Deus com o mesmo coração com que amamos os nossos pais, os nossos irmãos, os outros

[20] «Cristo Rei», n.º 182, pág. 342.
[21] «O Coração de Cristo, paz dos cristãos», n.º 166, pág. 305.
[22] «A vocação cristã», n.º 10, pág. 33.
[23] Cfr. «A vocação cristã», n.º 10, pág. 34.
[24] «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 100, pág. 191.
[25] «Cristo presente nos cristãos», n.º 115, pág. 214.
[26] Cfr. «O Coração de Cristo, paz dos cristãos», n.º 170. pág. 314.
[27] «Na oficina de José», n.º 51, pág. 103.

membros da nossa família, os nossos amigos ou amigas»[30] e de modo que, em nenhum caso, nos limitemos a um artificioso remédio de amor — algo imaginário que não chega a fazer-se carne em nós — porque do que se trata é de dar a conhecer o Amor de Deus, através desse amor humano[31]. O cristão *é um homem corrente no qual Deues confia* e, por isso, apoiado nessa confiança, torna-se capaz de fazer coisas grandes[32].

Ipse Christus

Um filho de Deus há-de ser consciente dessa raiz divina que está enxertada na sua vida, e actuar em consequência[33]; deste modo, «a acção divina manifestar-se-á na sua conduta profissional, no trabalho, no empenho por fazer divinamente as coisas humanas, grandes ou pequenas, pois pelo Amor todas adquirem uma nova dimensão»[34]. A fé e a esperança hão-de manifestar-se no sossego com que se enfocam os problemas, pequenos ou grandes... no entusiasmo com que se persevera no cumprimento do próprio dever[35]: «Deve actuar de forma que, através das acções do discípulo, se possa descobrir o rosto do Mestre»[36].

A vida corrente agiganta-se: «cada situação humana é irrepetível, fruto de uma vocação única, que se deve viver com intensidade, realizando nele o espírito de Cristo»[37], aprendendo dEle pormenores e atitudes, tirando da contemplação da sua passagem pela terra... força, luz, serenidade, paz, até tornar-se *ipse Christus*[38]. Compreende-se que «no terreno espiritual não há nenhuma nova época a que chegar. Já tudo se deu em Cristo, que morreu e ressuscitou, e vive, e permanece para sempre. Mas é preciso unir-se a Ele pela fé, deixando que a sua vida se manifeste em nós, de maneira que se possa dizer que cada cristão é, não já *alter Christus*, mas *ipse Christus*, o próprio Cristo»[39].

Trata-se nada menos que de ser, com a nossa conduta normal mas coerente

[28] «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 14, pág. 42.
[29] Cfr. «Cristo Rei», n.º 179, pág. 335.
[30] «Por Maria a Jesus», n.º 142, pág. 265.
[31] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 115, pág. 213.
[32] Cfr. «Na oficina de José», n.º 40, pág. 92.
[33] Cfr. «A conversão dos filhos de Deus», n.º 60, pág. 118.
[34] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 60, pág. 117.
[35] Cfr. «O Matrimónio, vocação cristã», n.º 23, pág. 59.
[36] «Cristo presente nos cristãos», n.º 105, pág. 201.
[37] «Cristo presente nos cristãos», n.º 112, pág. 210.
[38] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 107. pág. 203.
[39] «Cristo presente nos cristãos», n.º 104, pág. 200.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

com a fé, *Cristo presente entre os homens*[40]: a vida corrente de cada cristão, homem entre os homens, mas com a dita de ter recebido a fé e a missão divina, deve *fazer contínuo o seu trânsito entre as criaturas*[41].

3. Deus tem a iniciativa

O cristão contempla os acontecimentos, sabendo ver a mão de Deus; *busca* em tudo amar a Deus; *interessa-se por todas as coisas* nobres da terra, porque sabe que vêm de Deus. E descobre gozoso que em tudo, e de modo peculiar para a sua vida, *Deus tem a iniciativa*: «Deus tira-nos as trevas da nossa ignorância, do nosso caminho incerto entre os acontecimentos da história, e chama-nos com voz forte, como um dia o fez com Pedro e com André...»[42]. «A vocação é o mais importante de tudo; Deus ama-nos antes de que saibamos sequer dirigir-nos a Ele, e infunde em nós o amor com que podemos corresponder-lhe»[43]; sabe que dar é próprio de enamorados, e Ele próprio nos indica o que deseja de nós[44], prevê os nossos desejos de ser perdoados, e adianta-se, abrindo-nos os braços com a sua graça[45]. E esta *iniciativa de Deus,* é concreta e pessoal para cada alma: «a graça de Deus vem em socorro de cada alma; cada criatura requer uma assistência concreta, pessoal. As almas não se podem tratar massivamente!... porque cada alma é um tesouro maravilhoso; cada homem é único, insubstituível. Cada um vale todo o sangue de Cristo»[46].

O porquê da nossa realidade terrena

Deste modo, «a vocação acende uma luz que nos faz reconhecer o sentido da nossa existência. É convencer-se, com o resplendor da fé, do porquê da nossa realidade terrena. Toda a nossa vida, a presente, a passada e a que há-de vir, cobra um novo relevo, uma profundidade que antes não suspeitávamos. Todos os factos e acontecimentos passam a ocupar o seu posto: entendemos onde nos quer levar o Senhor e sentimo-nos entusiasmados e envolvidos por esse encargo que se nos confia»[47]. Descobre-se assim que *a história, o tempo,*

[40] «Cristo presente nos cristãos», n.º 112, pág. 210.
[41] Cfr. «Na Festa do Corpo de Deus», n.º 156, pág. 286.
[42] «Na oficina de José», n.º 45. pág. 97.
[43] «Na Epifania do Senhor», n.º 35, pág. 76.
[44] Cfr. «Na Epifania do Senhor», n.º 35, pág. 80.
[45] Cfr. «A conversão dos filhos de Deus», n.º 64, pág. 124.
[46] «A luta interior», n.º 80, pág. 157.
[47] «Na oficina de José», n.º 45, pág. 97.

valem porque neles se edifica o Reino de Deus[48]: que o que torna verdadeiramente atractivo, único, cada instante, cada acontecimento, é que Cristo Nosso Senhor, continua empenhado nesta sementeira de salvação dos homens e da criação inteira, deste nosso mundo, que é bom, porque saiu bom das mãos de Deus; mas o pecado quebrou a harmonia divina do criado e Ele quer resgatá-lo, com a nossa cooperação[49]. Por isso, se pomos os meios, seremos o sal, a luz e o fermento do mundo: *seremos a consolação de Deus*[50]. Compreende-se que o cristão, ao *contemplar na sua verdadeira dimensão as coisas, e os homens e a história,* não possa deixar de exclamar, reconhecendo *donde vem toda a bondade:* «Como és grande, Senhor, Nosso Deus! Tu és quem dá à nossa vida sentido sobrenatural e eficácia divina. Tu és a causa de que, por amor de teu filho, com todas as forças do nosso ser, com a alma e com o corpo possamos repetir: *oportet illum regnare!,* enquanto ressoa o eco da nossa debilidade, porque sabes que somos criaturas — e que criaturas! — feitas de barro, dos pés à cabeça, sem esquecer o coração»[51].

Assim, nada humano fica excluído dos anseios do cristão, porque não há nada que possa ser alheio aos anseios de Cristo[52], todos os homens são amados por Deus, de todos eles espera amor[53]. Por isso, o católico tem coração universal e nada pode ficar excluído do seu zelo entusiasta[54].

Santidade e apostolado

O panorama ampliou-se ainda mais: não só vemos Deus em todos os acontecimentos, e reconhecemos em toda a bondade algo que vem de Deus, mas essa bondade que Deus põe em nós, *torna-nos capazes — como instrumentos seus — de causar nova bondade.* Ama-nos com tal força, que não só somos bons, mas causa de bondade, participando do seu poder: «com a maravilhosa normalidade do divino, a alma contemplativa derrama-se em afã apostólico»[55]. Tudo o que temos *recebemo-lo de Deus, para ser sal que salgue,* luz

[48] Cfr. «Na Festa do Corpo de Deus», n.º 158, pág. 289.
[49] Cfr. «Cristo Rei», n.º 183, pág. 344.
[50] Cfr. «A luta interior», n.º 74, pág. 147.
[51] «Cristo Rei», n.º 181, pág. 340.
[52] «Nada há que seja alheio ao interesse de Cristo. Falando com profundidade teológica, isto é, se não nos limitamos a uma classificação funcional, não se pode dizer rigorosamente que haja realidades — boas, nobres e até indiferentes — que sejam exclusivamente profanas, uma vez que o Verbo de Deus fixou morada entre os filhos dos homens...»: «Cristo presente nos cristãos», n.º 112, pág. 209-210.
[53] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 110, pág. 208.
[54] Cfr. «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 90, pág. 174.
[55] «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 120, pág. 223.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

que leve aos homens a alegre nova de que Ele é um Pai que ama sem medida [56]; a nossa vida é de Deus e temos de gastá-la no seu serviço, preocupando-nos generosamente pelas almas, demonstrando, com a palavra e com o exemplo, a profundidade das exigências cristãs [57]. Porque Deus o quis, podemos andar «pelos caminhos da terra, para convertê-los em atalhos que, através dos obstáculos, levem as almas ao Senhor» [58], encher de luz o mundo, ser sal e luz [59], luz que não há-de estar no fundo do vale mas no cume da montanha [60].

Descobre-se assim que não são separáveis santidade e apostolado: «o afã de apostolado é a manifestação exacta, adequada, necessária à vida interior. Quando se saboreia o amor de Deus *sente-se* o peso das almas. Não se pode dissociar a vida interior do apostolado, como não é possível separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem e a sua função de Redentor» [61]. Em última análise, ao mesmo tempo que o homem aprende, pela graça, *a amar com o amor de Deus,* o seu amor participa da fecundidade divina, que não ama as coisas porque são boas, mas as torna boas ao amá-las. Como a fé conhece segundo a ordem de procedência do real, a caridade toma a ordem do amor de Deus. E assim, na medida que este cresce, «até aquelas facetas que poderiam considerar-se mais íntimas e privadas — a preocupação pelo progresso interior — não são, na realidade, individuais, visto que a santificação forma uma só coisa com o apostolado» [62]. Por isso, o cristão não pode estar tranquilo, se não faz de forma prática e concreta que os outros se aproximem de Deus [63]; nem pode permanecer detido desse modo, se trata a Virgem, porque «Maria leva a Jesus e Jesus é *primogenitus in multis fratribus,* primogénito entre muitos irmãos» [64].

O verdadeiro amor aos homens nasce do amor de Deus. E é assim mais divino e, por isso, mais humano: «quando há amor de Deus o cristão não pode ficar indiferente perante a sorte dos outros homens... Jesus passa e apercebe-se imediatamente da dor» [65]; e até opera milagres porque se comove diante do sofrer humano [66]. Precisamente, por isto, devemos falar de Deus: «o Senhor e

[56] Cfr. «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 100, pág. 192.
[57] Cfr. «A Eucaristia, mistério de fé e de amor». n.º 93, pág. 178.
[58] «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 120, pág. 224.
[59] Cfr. «Por Maria a Jesus», n.º 147, pág. 271.
[60] Cfr. «A vocação cristã», n.º 10, pág. 34.
[61] A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 122, pág. 226.
[62] «Por Maria a Jesus», n.º 145, pág. 269.
[63] Cfr. «A Virgem Santa, causa da nossa alegria», n.º 175, pág. 325.
[64] «Por Maria a Jesus», n.º 145, pág. 269.
[65] «O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade», n.º 67, pág. 131.
[66] Cfr. «A vocação cristã», n.º 7, pág. 28.

nós — se lhe obedecermos: *ide e ensinai* — temos o direito e o dever de falar de Deus, deste grande tema humano, porque o desejo de Deus é o mais profundo que nasce no coração do homem» [67].

4. Situar cada um diante das exigências completas da sua vida

Este panorama alargado, enriquecido, remoçado e tão entusiasmante da vida do homem sobre a terra, é consequência de perceber a proximidade de Deus: depende da profundidade com que cada um O conhece e ama. Os horizontes de que se enche a corrente, e que se ajudam a descobrir aos outros, não são separáveis dessa «fome de Deus» que se respira nas Homilias e que elas despertam [68]. Quando as coisas são vistas nEle, a partir dEle, sob o seu poder e a sua vontade amorosa, percebe-se o *verdadeiro fundo de bondade* que as sustenta: a sua participação do divino.

Daqui, essa nova valorização da realidade, que pode parecer desconcertante aos olhos humanos: o que consideramos de pouca categoria pode ter tanto valor como o que nos parece extraordinário [69]. Na realidade, cada coisa *vale o que vale para a glória de Deus*: uma ciência ou um poder que não conduzem a Deus não são na realidade nada, ou pior são vaidade inútil; o humano *por si só,* se não se considera na sua relação com Deus, não escapa a uma terrível ambiguidade [70]. Por isso mesmo, feitas com amor, são tão importantes as *coisas pequenas*: «aquilo que muitos consideram erradamente como não-transcendente e sem valor: o trabalho de cada dia, os pormenores de atenção com as pessoas queridas, as conversas e as visitas por motivo de parentesco ou de amizade... Bendita normalidade, que pode estar cheia de tanto amor de Deus!» [71].

A grandeza de Deus, convive com o ordinário [72]; viver desta realidade torna imperioso o afã por comunicá-lo: «sempre entendi o meu trabalho de sacerdote e pastor de almas como uma tarefa dirigida a situar cada um perante as exigências totais da sua vida, ajudando-o a descobrir aquilo que Deus em

[67] «A Virgem Santa, causa da nossa alegria», n.º 175, pág. 326.
[68] Cfr. «Por Maria a Jesus», n.º 149, pág. 274.
[69] «O Senhor mostra-nos que tudo tem importância: as acções que, com olhos humanos, consideramos grandes; essas outras que, pelo contrário, qualificamos de pouca categoria. Nada se perde. Nenhum homem é desprezado por Deus»: «Na oficina de José», n.º 44, pág. 95-96.
[70] Cfr. «Na Epifania do Senhor», n.º 34, pág. 78.
[71] «Por Maria a Jesus», n.º 148, pág. 273.
[72] Cfr. «Por Maria a Jesus», n.º 141, pág. 262.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

concreto pede, sem pôr qualquer limitação a essa independência santa e a essa bendita responsabilidade individual que são características de uma consciência cristã» [73].

Um sacerdote que não fala senão de Deus

O interesse entranhável por todas as coisas humanas que mostram as *Homilias*, tem um ponto de arranque preciso. As criaturas não impõem a sua bondade a Deus, mas recebem-na dEle, que ao amá-las as faz boas. Logicamente, por isso, o radical da sua bondade, não se torna patente senão na medida em que se conhece o amor de Deus. O amor ao mundo longe de o nublar é, na teologia de Mons. Escrivá de Balaguer, uma consequência: quando se ama muito a Deus, descobre-se a sua mão no temporal, até em realidades aparentemente insignificantes.

O contínuo desvendar o valor das coisas e sucessos desta vida, não é mais que uma consequência do incessante descobrimento do amor de Deus. Na própria medida em que cada um o conhece melhor, percebe que todas as criaturas valem mais. E isto dá-se, acentuadamente, no plano sobrenatural: a realidade da graça, é tão divina, tão poderosa, que multiplica ao infinito o valor do que, aos nossos olhos, é insignificante: «o que chamamos baixo e modesto pode ser um cume cristão de santidade e de serviço» [74].

A própria medida e a firmeza desse amor, este carinho entranhável pelas pessoas e pelas coisas, o seu interesse pelo humano, essa ternura amável com que pode falar de tudo, pelo que tudo tem de limpo, de nobre, de divino, são assim uma amostra patente de que quem escreve é «um sacerdote que não fala senão de Deus» [75].

A actualidade do eterno

Isto proporciona-nos uma chave para entender o interesse que as *Homilias* — como os escritos anteriores do autor — despertaram em todo o mundo, entre pessoas de todas as raças, idades e condições. Mons. Escrivá de Balaguer *fala ao coração do homem de hoje*. E fala ao coração do homem de hoje, porque fala ao mais profundo do coração do homem de sempre.

---

[73] «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 99, pág. 190.

[74] «Cristo Rei», n.º 183, pág. 345.

[75] «Ao iniciar estas páginas de apresentação do primeiro volume de Homilias de Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer vêm-me ao pensamento umas palavras dele, pronunciadas em múltiplas ocasiões, perante pessoas de muitos países e de todas as condições sociais: Sou um sacerdote que não fala senão de Deus»: «Apresentação das Homilias, de Mons. del Portillo, pág. 7.

A actualidade das *Homilias* não é uma actualidade do século vinte: limitada, temporal, de uns anos ou uns séculos. É *essa outra perene actualidade*: a que deriva da actualidade de Deus, porque atinge a tangente em que a fugacidade do temporal roça o eterno. A rica teologia dos escritos de Mons. Escrivá de Balaguer, como a espiritualidade peculiar e própria do Opus Dei [76], não correspondem a umas necessidades concretas dos tempos actuais, ainda que as satisfaçam plenamente. Quando algo se vincula mais ao próprio querer de Deus, mais trespassa os umbrais da temporalidade: torna-se intemporal, não no sentido de abstracto mas do que dura sem envelhecer, sem se depauperar; de quanto é como o nervo de todos os tempos, porque se apoia no «nervo do querer divino». Aquilo por cuja virtude a alma, criada *in confinio aeternitatis et temporis*, pode participar da eternidade, do que não é mero passar, fugacidade: isso que *torna importante a história, porque a transcende*. A história dos homens tem a grandeza de que, no seu decurso, cada alma decide como trespassar esse confim e entrar na vida eterna; isso mostra, a posteriori, a verdadeira valia das coisas: somos obrigados a superar-nos, porque nesta competição a única meta é a chegada à glória do céu. E se não chegássemos ao céu, nada teria valido a pena» [77].

Em Cristo, Deus entrou nessa história dos homens, culminando de uma vez para sempre o progresso espiritual da humanidade [78], porque abriu de novo ao homem o acesso à eternidade divina. Quando algo é mais cristão — mais sobrenatural — mais intensamente participa da eternidade, mais trespassa os tempos, mais se vincula a «esse instante supremo — o tempo une-se com a eternidade — do Santo Sacrifício da Missa, em que Jesus, com gesto de sacerdote eterno, atrai a si todas as coisas, para as colocar, *divino afflante Spiritu*, por intermédio do sopro do Espírito Santo, na presença de Deus Pai» [79]. Por isso, a Santa Missa é o centro da vida cristã.

O mais presente não é o que simplesmente passa agora, mas aquilo que é de tal modo que vai durar para sempre: quanto no hoje, há de eternidade. O que não necessita adaptar-se aos tempos para ser actual: mas que é tão actual, que acomoda os tempos dando-lhes um superior sentido, de modo que o melhor deles não pereça no passado.

---

[76] Cfr. «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 20, pág. 51; «Por Maria a Jesus», n.º 148, pág. 273; «A conversão dos filhos de Deus», n.º 64, pág. 123; «O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade», n.º 70, pág. 137.

[77] Cfr. «A luta interior», n.º 77, pág. 153.

[78] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 104, pág. 199.

[79] «A Eucaristia, mistério de fé e de amor», n.º 94, pág. 180.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

III. A LIBERDADE HUMANA COMO RISCO DIVINO

«O Senhor não destrói a liberdade do homem: precisamente Ele é que nos fez livres» [1]. E com a liberdade, aparece essa desusada possibilidade para uma criatura, que é cooperar com Deus, como instrumento seu, no cumprimento dos planos da Criação e da Redenção. Mas, também, a sua terrível alternativa, o pecado: «essa realidade dura de aceitar, mas inegável: o *mysterium iniquitatis,* a inexplicável maldade da criatura que se ergue, por soberba, contra Deus» [2].

Diante de Deus, e como aptidão para O seguir ou de se rebelar, a liberdade mostra-se como uma força desusada, que Deus colocou nas mãos do homem. Nas *Homilias,* a liberdade contempla-se com esse preciso sentido. Por um lado, com assombro agradecido: «Nesta tarefa que vai realizando no mundo Deus quis que sejamos seus cooperadores; quis *correr o risco da nossa liberdade*» [3]. Por outro lado, advertindo com clareza as consequências da sua condição defectível, rejeitando o *estouvamento frívolo* dos que contemplam o mundo sem ver o mal — a ofensa a Deus —, ou se deixam enganar pelo mito do progresso perene e irreversível [4]. O cristão sabe que na história há avanços e retrocessos, como consequência inevitável de que a nossa liberdade existe e Deus a respeita [5]. E, por isso, que há-de esforçar-se para que a obscuridade da soberba humana não se introduza a ocultar com a sua desordem a luz da ordem divina. Mas sente-se seguro quando contempla a sua liberdade apoiada em Deus, na sua graça, no seu poder: «o optimismo cristão não é um optimismo

[1] «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 100, pág. 192.

[2] «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 95, pág. 183.

[3] «Cristo presente nos cristãos», n.º 113, pág. 211.

[4] «Não podemos deixar enganar-nos pelo mito do progresso perene e irreversível. O progresso rectamente ordenado é bom e Deus quere-o. Contudo tem-se mais em conta o outro falso progresso que cega os olhos a tanta gente, porque com frequência não percebe que a humanidade, nalguns dos seus passos, volta atrás e perde o que havia conquistado antes. O Senhor — repito — deu-nos o mundo por herança. Temos de ter a alma e a inteligência despertas; temos de ser realistas, sem derrotismos. Só uma consciência cauterizada, só a insensibilidade produzida pela rotina, só o estouvamento frívolo podem permitir que se contemple o mundo sem ver o mal, a ofensa a Deus, o dano por vezes irreparável para as almas. É preciso sermos optimismtas, mas com um optimismo que nasça da fé no poder de Deus...»: «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 123, pág. 229.

[5] «Espera o Senhor que façamos o esforço de agarrar a sua mão, essa mão que nos estende. Deus pede-nos um esforço, prova da nossa liberdade»: «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 17, pág. 46.

cómodo, nem uma confiança humana em que tudo correrá bem; é um optimismo que se enraiza na consciência da liberdade e na fé na graça; é um optimismo que obriga a exigirmo-nos a nós próprios, a esforçarmo-nos por corresponder ao chamamento de Deus» [6].

1. Deus confiou na frágil liberdade humana

Mons. Escrivá de Balaguer fala da liberdade com amor e energia; graças a ela podemos colaborar «humildemente, mas fervorosamente, no divino propósito de unir o que está quebrado, de salvar o que está perdido, de ordenar o que o homem pecador desordenou, de conduzir ao seu fim o que está desencaminhado, de restabelecer a divina concórdia de todas as criaturas» [7]. Contempla-a persuadido de que Deus confiou os seus dons — não só a ordem da criação, mas a própria obra redentora [8] — à frágil e débil liberdade humana: a liberdade é uma energia recebida de Deus e que Deus continuamente sustenta e assiste com a sua força, ainda que possamos rejeitá-la — com a nossa comodidade, a nossa concupiscência e o nosso orgulho — e cair em pecado [9].

O que entusiasma é isto: Deus quis escrever no tempo um poema divino com o concurso da nossa liberdade [10]. Por isso, Ele não deseja respostas forçadas, mas decisões que saiam do fundo do coração [11]: ama a nossa liberdade apesar e contando com toda a nossa pequenez e debilidade, que a torna frágil; condescende com ela até consentir «que os tesouros divinos sejam levados em vasos de barro; que O demos a conhecer misturando as nossas deficiências com a sua força divina» [12].

A liberdade, tensão aos planos de Deus

A liberdade de que as *Homilias* nos falam — a verdadeira liberdade —, não é essencialmente arbítrio, nem puro fazer desprovido de sentido: é energia depositada no homem por Deus, para que seja capaz de comportar-se como um filho esforçado em cumprir os desígnios do seu Pai. É a possibilidade e a

[6] «Cristo presente nos cristãos», n.º 114, pág. 212.

[7] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 65, pág. 126.

[8] «Jesus quis que cada um dos homens fosse cooperador livre da sua obra redentora»: «O Grande Desconhecido», n.º 129, pág. 241.

[9] Cfr. «O Grande Desconhecido». n.º 131, pág. 243.

[10] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 111, pág. 209.

[11] Cfr. «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 100, pág. 192.

[12] «Cristo presente nos cristãos», n.º 113, pág. 211.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

exigência de uma *incorporação activa nos planos de Deus*: «a sua fé é activa e a sua obediência não se parece á obediência de quem se deixa arrastar pelos acontecimentos. Porque a fé cristã é o que há de mais oposto ao conformismo, ou à falta de actividade e de energia interiores»[13].

A liberdade é vista em função da obediência a Deus. E assim, tornam-se mais profundos tanto o conceito de liberdade — esforço por viver segundo Deus: o mais oposto ao próprio capricho — como a obediência. O cristão abandona-se «sem reservas nas mãos de Deus mas nunca deixa de reflectir sobre os acontecimentos, e assim recebe do Senhor a inteligência das obras de Deus, que é a verdadeira sabedoria. Deste modo aprende pouco e pouco que os planos sobrenaturais têm uma coerência divina, que às vezes está em contradição com os planos humanos... Nas diversas circunstâncias da sua vida, não renuncia a pensar, nem se alheia da sua responsabilidade. Pelo contrário, põe toda a sua experiência humana ao serviço da fé»[14]. E assim, aprende a mover-se dentro do plano divino; o verdadeiro exercício da liberdade é, sobretudo, isto: aprender a mover-se dentro dos desígnios de Deus.

Por isso, a obediência cristã não é nunca uma obediência cega, como de cadáveres; pelo contrário: é uma obediência inteligente, que exige calibrar os acontecimentos aprendendo a entender os desígnios divinos; enfrentando-se nobremente com o que possa afastar do seu querer salvador, porque se sente a responsabilidade de ajudar os outros com as luzes do nosso entendimento[15]; e sabendo também cumprir «sem vacilações os mandamentos de Deus, embora por vezes o sentido desses mandatos lhe possa parecer obscuro ou se lhe oculte a sua conexão com o resto dos planos divinos»[16]. É o exemplo de José: «em nenhum momento nos aparece como um homem diminuído ou assustado perante a vida; pelo contrário, sabe enfrentar-se com os problemas, superar as situações difíceis, assumir com responsabilidade e iniciativa os trabalhos que lhe são encomendados»[17].

Assim também se entende com uma dimensão nova, ou melhor na sua dimensão mais profunda, mais teológica, a noção de lei moral, da lei divina, na qual todas as leis humanas, se querem valer como tais, devem entroncar: «a justiça não consiste na mera submissão a uma regra: a rectidão deve nascer de dentro, deve ser profunda, vital, porque *o justo vive da fé*. Viver da fé: estas palavras que foram, mais tarde, tema frequente de meditação para o apóstolo

[13] «Na oficina de José», n.º 42, pág. 94.
[14] Cfr. «Na oficina de José», n.º 42, pág. 94.
[15] Cfr. «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 17, pág. 47.
[16] Cfr. «Na oficina de José», n.º 42, pág. 93.
[17] «Na oficina de José», n.º 40, pág. 90.

S. Paulo, vêem-se realizadas superabundantemente em S. José. O seu cumprimento da vontade de Deus não é rotineiro nem formalista, mas espontâneo e profundo. A lei que todo o judeu praticante vivia, não foi para ele um simples código nem uma fria recompilação de preceitos, mas expressão da vontade de Deus vivo. Por isso, soube reconhecer a voz do Senhor quando esta se lhe manifestou inesperada e surpreendente»[18]. Um amor à lei, que supera todo o legalismo: porque vista assim, a lei — a vontade de Deus vivo — já não pode anquilosar-se sob nenhum formalismo, sob nenhuma abstracção, visto que nada há mais concreto e real do que a vontade divina, e nada mais alheio a visões parciais e abstractas[19].

Arriscada segurança do cristão

A liberdade cristã é entusiasmante; mas não cómoda; exige fé, enfrentar-se com a realidade sem que nos domine o desalento, sem nos fixarmos em cálculos meramente humanos, que evidentemente não condicionam a vontade de Deus. Afrontar todas as situações, sem nos determos diante dos obstáculos, até desentranhar o querer divino, que não pode faltar. É precisamente a segurança nesse querer que o leva a esforçar-se em todo o momento, se fizer falta abrindo veredas novas[20]: não podemos esquecer que «Jesus toma a sério o homem e quer dar-lhe a conhecer o sentido divino da sua vida. Jesus sabe exigir, colocar os homens perante os seus deveres, arrancar do comodismo e do conformismo os que O escutam, para levá-los a conhecer o Deus três vezes santo»[21].

O cristão está seguro de Deus, habita sob a protecção de Deus, vive com Deus: «mas viver com Deus é indubitavelmente correr *um risco*, porque o Senhor não Se contenta compartilhando; quer tudo. E aproximar-se d'Ele um pouco mais significa estar disposto a uma nova rectificação»[22]. Constitutivamente *o risco da liberdade é o próprio risco do amor*. Um confiado descuido de si, abandono da busca da própria segurança, porque, em última análise, se está seguro: conhece-se o cuidado de Deus. É por isso o risco de habitar com Deus, próximo, amoroso. O risco de trespassar as aparências, para alcançar o fundo do amor de Deus; de morrer para si mesmo, para viver em Cristo; de negar-se aos amores, para ganhar o Amor. Um risco que, na medida que se vive, permite dar aos outros a *segurança de Deus*.

[18] «Na oficina de José», n.º 41, pág. 92.
[19] Cfr. «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 12, pág. 39.
[20] Cfr. «Na Festa do Corpo de Deus», n.º 160, pág. 291.
[21] «Cristo presente nos cristãos», n.º 109, pág. 207.
[22] «A conversão dos filhos de Deus». n.º 58, pág. 112.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

A fé é livre, com uma liberdade mais intensa, a que resulta da libertação pela graça. Embora haja perfeita harmonia, não há continuidade estrita entre a razão e a fé: não se chega à força de demonstrações. Entre uma ordem e a outra há um salto, que é preciso dar com a ajuda sobrenatural de Deus, que Ele nunca nega: com a graça, alcançamos a *vontade de crer*. Compreende-se que viver de fé seja ao mesmo tempo o risco mais audaz e seguro: «eis a arriscada segurança do cristão. É necessário convencermo-nos de que Deus nos ouve, de que está sempre solícito por nós, e assim se encherá de paz o nosso coração» [23].

Uma segurança que dá Deus, que é quem ama primeiro: segurança, não em si mesmo, mas no Senhor. Quando Pedro sai da barca para ir ao encontro de Jesus caminhando sobre as águas, caminha seguro enquanto olha para Ele. Começa a afundar-se quando em lugar de viver de fé, se volta para si mesmo, para o que faz — caminhar sobre as águas —, e como foi capaz de o fazer, e se o continuará a ser. Daí, a insistência de Mons. Escrivá de Balaguer em que *o cristão não pode ser calculista*: estar a contabilizar se o compensará a sua entrega, ou qual é a percentagem de probabilidades que tem a «Verdade». Se se comporta assim, começa a abandonar a vida de fé: afunda-se. Porque viver de fé, dar-se de todo a Deus e aos outros, compensa: é o único que verdadeiramente vale a pena [24]; é o mandamento de Jesus para que vamos a Ele. Mas isto só se vê quando nos *fiamos* de Deus.

Comprová-lo exige apoiar-se em Deus, decidir-se a viver nessa *arriscada segurança* de confiar em Deus, que é toda a *segurança* que nós os homens podemos ter, e por vir de Deus, *totalidade de segurança,* É apoiar-se em Deus fonte de toda a verdade e de todo o bem, sem mais seguranças humanas, que não são precisas: porque evidentemente Deus é absolutamente *crível,* na sua proximidade e na sua infinidade que nos excede. Todo o intento «de tornar crível» Deus — isto é, reduzi-lo à nossa medida, de conceder-lhe um «certo crédito» mas exigindo abusivamente garantias racionalistas — ou, no mesmo sentido, de tornar crível a sua Igreja, os seus sacramentos, é, por necessidade, o próprio fruto de que se começa a perder a segurança da fé. Se se conhece a Deus, se se tem experiência de viver junto dEle, está-se seguro sem mais. Não para realizar o acto de fé, mas para saber que Deus merece ser absolutamente crido, basta-nos o conhecimento natural de Deus, que — especialmente sanada pela graça — a razão humana pode alcançar. Por isso, os cálculos humanos sobre se podemos estar seguros de Deus começam no próprio momento em que, desvirtuada a fé e abaixada a razão, começamos a não nos fiarmos dEle.

[23] «A conversão dos filhos de Deus», n.º 58, pág. 112.
[24] Cfr. «A luta interior», n.º 76, pág. 151.

2. A escravidão do pecado

A liberdade é força de ir a Deus; *o que impede ir a Ele é escravidão.* É a própria consequência da noção cristã de liberdade. E um grande mistério. Deus não nos criou para que pecássemos. É evidente, contudo, que o mal existe e que não pode proceder de Deus, mas só de um defeito voluntário da criatura [25]: se «se depois aparece a cizânia, é porque não houve correspondência, já que os homens — os cristãos especialmente — adormeceram e permitiram que o inimigo se aproximasse» [26].

Um mistério, que leva a desconcertantes paradoxos: uma inteligência que não conhece, uma vontade que não ama. Do mesmo modo que existe *um exercício da razão que cega,* há *um exercício de liberdade que escraviza.* Quando intentamos reduzir a grandeza divina aos limites humanos, a nossa inteligência obscurece-se: então, a razão é «essa razão fria e cega, que não é a inteligência nascida da Fé, nem sequer a recta inteligência da criatura capaz de saborear e amar as coisas; converte-se na sem-razão de quem tudo submete à sua pobre experiência vulgar, que amesquinha a verdade humana e cobre o coração do homem com uma crosta insensível às inspirações do Espírito Santo» [27]. De modo análogo, quando a liberdade não se exerce para buscar a Deus, mas se põe em jogo para conseguir antes de mais a própria satisfação, o seu exercício torna desgraçado o homem [28], escraviza: não basta sequer intentar manter-se à margem, há que sair de si mesmo, *complicar-se a vida* [29]. «Quem não luta, expõe-se a qualquer uma daquelas escravidões, que sabem aferrolhar os corações de carne: a escravidão duma visão exclusivamente humana, a escravidão do desejo afanoso de poder e de prestígio temporal, a escravidão da vaidade, a escravidão do dinheiro, a servidão da sensualidade...» [30].

Não podemos ignorar que não só há mal no mundo, à nossa volta, mas que o mal está dentro de nós mesmos [31]; nasce com o esquecimento de Deus, ao errar assim no próprio conhecimento que «conduz à soberba: o desejo de se tornarem o centro da atenção e da estima de todos, a preocupação de não ficarem mal, não se resignarem a fazer o bem e desaparecerem, a ânsia de segurança pessoal» [32].

[25] Cfr. «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 125, pág. 231.
[26] «A Ascensão do Senhor aos céus», n,º 123, pág. 228.
[27] «O Coração de Cristo, paz dos cristãos», n.º 165, pág. 304.
[28] Cfr. «O Matrimónio, vocação cristã», n.º 24, pág. 61.
[29] Cfr. «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 19, pág. 50.
[30] «A luta interior», n.º 81, pág. 159.
[31] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.º 113, pág. 210.
[32] «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 18, pág. 48.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Lutar por amor

Diante de Deus não há lugar para meias tintas: ou *amamos com o amor de Deus, ou amamos com um amor egoista,* de vistas curtas [33]. «Às vezes fala-se do amor como se fosse uma procura de satisfação pessoal, ou um mero recurso para completarmos egoisticamente a nossa personalidade. E não é assim; o amor verdadeiro é sair de si mesmo, entregar-se. O amor traz consigo a alegria, mas é uma alegria que tem as suas raizes em forma de cruz. Enquanto estivermos na terra e não tivermos chegado à plenitude da vida futura, não pode haver amor verdadeiro sem a experiência do sacrifício, da dor... porque supõe vencer o nosso egoismo, e tomar o amor como regra de todas e cada uma das nossas acções» [34]. Não há outra alternativa: ou amamos a Deus sobre todas as coisas, ou nos amaremos a nós mesmos mais do que a Deus.

O cristão deve, por isso, amar a luta: essa luta ascética, íntima, *contra tudo o que, na sua vida, não é de Deus* — a soberba, a sensualidade, o egoismo, a estreiteza de coração — [35]; ou extirpar tudo oque estorve a vida de Cristo nele; se não, não poderá transmiti-la aos outros [36]. *Não há verdadeiro amor sem Cruz*: «só quando o homem, sendo fiel à graça, se decide a colocar no centro da sua alma a Cruz, negando-se a si mesmo por amor de Deus, estando realmente desapegado do egoismo e de toda a falsa segurança humana, quer dizer, só quando vive verdadeiramente de Fé,... é então que vêm à alma essa paz e essa liberdade que Cristo nos ganhou» [37]. Porque o cristão que percebe a sua filiação divina, quando *se reconhece verdadeiramente livre é quando se dedica inteiramente às coisas de seu Pai* [38].

---

[33] Cfr. «A morte de Cristo, vida do cristão», n.º 97, pág. 187.
[34] Cfr. «Na oficina de José», n.º 43, pág. 95.
[35] «A luta interior», n.º 73, pág. 146.
[36] Cfr. «Na Festa do Corpo de Deus», n.º 158, pág. 290.
[37] «O Grande Desconhecido», n.º 137, pág. 253.
[38] «No meio das limitações inseparáveis da nossa situação presente, porque o pecado ainda, de algum modo, habita em nós, o cristão vê com nova claridade toda a riqueza da sua filiação divina, quando se reconhece plenamente livre porque trabalha nas coisas do seu Pai, quando a sua alegria se torna constante por nada ser capaz de lhe destruir a esperança.

Pois é também nesse momento que é capaz de admirar todas as belezas e maravilhas da Terra, de apreciar toda a riqueza e toda a bondade, de amar com a inteireza e a pureza para que foi criado o coração humano»: «O Grande Desconhecido», n.º 138, pág. 254.

Porque me apetece, a razão mais sobrenatural

Buscar a Deus, obedecer a Deus, é sempre sair do nosso egoismo [39]. A vocação cristã exige que abandonemos tudo o que estorva o amor de Deus [48]. Quanto de bem há em nós provém dEle e a Ele nos dirige: e Deus não quer para nós senão bens. A única fonte de infelicidade, de trevas, teremos que ser nós próprios quando nos afastamos do querer de Deus. Por isso, se O buscamos só a Ele, tudo será luminoso, divino, mesmo no meio da nossa fraqueza e limitações. Não temos mais que uma tarefa no mundo: tudo pode e deve tender para Deus. É o ponto em que a nossa complexidade salta para o divino: *a unidade de vida.* «Nós, cristãos, não suportamos uma dupla vida: mantemos uma unidade de vida, simples e forte, na qual se fundamentam e compenetram todas as nossas acções» [41].

A mais profunda e autêntica tendência do homem é avançar para Deus, e, com a ajuda da graça, mediante um amor de totalidade: e assim tende para a unidade em todos os aspectos de vida. Chega um momento em que a alma não se ocupa noutra coisa senão no trato contínuo com Deus: *eu não sei mais que rezar* [42]; a mortificação não é mais que a oração do corpo, dos sentidos [43]; a pureza, a luta ascética, são uma consequência do amor com que se entrega a alma e o corpo ao Senhor e, por isso, *não não negação, mas afirmação gozosa* [44]. A luta converte-se numa formosíssima guerra de paz — contra o próprio egoismo — fundada na unidade e no amor [45]. Como afirmou em tantas ocasiões Monsenhor Escrivá de Balaguer: *chega um momento em que não se sabe distinguir entre o trabalho e a oração.* É então que somos livres: quando aprendemos que o *melhor senhorio* é entregar-se voluntariamente aos outros [46], servir por amor de Deus [47].

A liberdade é, ainda que possa desviar-se, energia para ir a Deus: essa

---

[39] Cfr. «O triunfo de Cristo na humildade». n.º 20, pág. 51.
[40] Cfr. «Na Epifania do Senhor», n.º 33, pág. 74.
[41] «A Ascensão do Senhor aos céus», n.º 125, pág. 232.
[42] Cfr. «Na oficina de José», n.º 56, pág. 108.
[43] Cfr. «A vocação cristã», n.º 9, pág. 31.
[44] Cfr. «A vocação cristã», n.º 5, pág. 25.
[45] Cfr. «A luta interior», n.º 76, pág. 150.
[46] Cfr. «O triunfo de Cristo na humildade», n.º 10, pág. 50.
[47] A unidade de vida — esse modo participado com que a criatura tende a imitar enquanto lhe é possível a simplicidade de Deus — constitui, como a filiação divina e a santificação mediante as próprias ocupações, um traço específico da espiritualidade própria e peculiar do Opus Dei. Explica-se a riqueza doutrinal e prática com que aparece nas *Homilias.*

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

energia que habita no coração do homem e o torna capaz de reunir todas as forças do seu ser num único sentido, o do Amor de Deus. O homem pode dizer sim a Deus, desde o fundo do seu coração, *porque lhe dá na gana.* Mas o pecado, que ainda habita em nós, combate a nossa liberdade. *Só a graça de Deus é rocha forte* [48], que nos permite dar agilmente o 'salto' da liberdade. Compreende-se que o autor goste de ressaltar que nesse «dar-nos na gana» de seguir a Deus, está mediando a força da graça, a liberdade de uma decisão sobrenatural: «devemos sentir-nos filhos de Deus e viver como o empenho de cumprir a vontade do nosso Pai, de realizar tudo segundo o querer de Deus, *porque nos dá na gana, que é a razão mais sobrenatural*» [49].

3. O sentido divino da liberdade

A liberdade é um dom divino, e só como tal se entende. Deus é infinidade de actividade sem mudança: o seu movimento imanente e eterno são as processões trinitárias. Mas opera também no tempo: com uma excedência absoluta, criando entre os infinitos mundos de que a sua sabedoria dispõe, o que lhe agrada; como teria podido não criar. E depois do pecado redime-nos porque quer e do modo que quis.

Esta energia divina subsistente é perfeita em si mesma: não necessita de buscar nada fora de si. A liberdade humana participa de algum modo dessa energia divina: é a máxima intensidade em que pode recebê-la uma criatura. O homem não tem — como nenhuma criatura — o seu fim em si mesmo, mas em Deus. Mas de modo diferente dos outros, pode por si mesmo dirigir-se para Ele, *amá-Lo com força originária,* como participando da energia com que Deus se ama a Si mesmo.

Radicalmente, a liberdade humana é a perfeição que nos capacita para amar com esse amor originário. O poder opôr-nos à vontade divina — o pecado — não pertence à perfeição da liberdade: mas à limitação com que a possuimos. Porque na criatura, que não é fim de si mesma, a possibilidade de um *proceder originário* é inseparável dessa outra possibilidade de *escolher o seu fim*: não como uma verdadeira *electio finis,* mas desvirtuando a força de chegar até Deus — degradando-a — ao desviá-la para uma criatura, inepta para ser amada como fim. Só Deus é Amor: nas criaturas a capacidade de amar — ou o egoismo —, são consequência do modo como está constituída a sua livre

[48] Cfr. «Cristo presente nos cristãos», n.° 113, pág. 210.
[49] «O triunfo de Cristo na humildade», n.° 17, pág. 46.
[50] «Cristo Rei», n.° 184, pág. 3466.

vontade e da defectibilidade da sua força originária de amar. O valioso da liberdade, o que a torna infinitamente amável, não é evidentemente o poder afastar-se de Deus, mas o facto de que «sem liberdade, não podemos corresponder à graça; sem liberdade, não podemos entregar-nos livremente ao Senhor, com a razão mais sobrenatural: porque nos apetece» [05]. Daí, que a plena perfeição da nossa liberdade se dê quando já não podemos escolher: quando, na bem-aventurança do céu, esse amor originário seja uma atitude permanente, que nunca amadurecerá. Por isso, em tudo o que é necessário para chegar a Deus, somos mais livres quanto mais a nossa vontade se sujeita ao querer de Deus.

Mas nós homens participamos também da força originária do querer divino noutro aspecto: o que é o campo próprio do *livre arbítrio* — não já o amor, mas a escolha da liberdade — em relação aos diversos meios que conduzem ao fim. Aqui a liberdade humana — com a sua capacidade de escolha — mostra-se perfeita não só por ser força originária, mas também pelo próprio escolher: porque, neste sentido, participa da excedência da liberdade divina em relação às criaturas; da liberdade enquanto propriedade de Deus não em ordem a si mesmo — no movimento indefectível das processões intratrinitárias: sentido supremo da liberdade de Deus —, mas em relação às criaturas: ou mais absolutamente à sua possibilidade de criar. Por isso, sob nenhum conceito é lícito — e menos em nome de não se sabe que investidura divina — impor um mesmo modo de ver ou resolver problemas «que são, pela sua própria natureza, susceptíveis de receber numerosas e diversas soluções» [51]. O cristão só pode ser *monolítico* — e neste caso deve sê-lo — na fé e na luta contra tudo o que seja ofensa a Deus. No resto — onde reina a contingência do temporal — a diversidade é manifestação de bom espírito: porque o cristão não é nem uma alternativa política, nem um programa cultural; mais ainda, leva consigo amor a tudo o que não ofenda a Deus, ainda que contrarie o próprio gosto [52].

Resta, por fim, o pecado: esse exercício da liberdade, para afastar-se de Deus. Para o homem de fé resulta um incompreensível mistério [53]: ainda que a sua razão e a sua fé lhe dêem bem claras as causas. A origem desta possibilidade de levantar-se contra Deus é o amor desordenado de si: o *pior inimigo* do homem [54]. A soberba, que não vem de Deus mas que O nega, que obscurece o conhecimento, e ajuda ao erro sobre o que Deus é e do seu amor por nós. Daí, essa expressão que o autor ama — *o pior inimigo de Deus é a ignorân-*

[51] «A morte de Cristo, vida do cristão», n.° 99, pág. 191.
[52] Cfr. «A Ascensão do Senhor aos céus», n.° 124, pág. 230.
[53] Cfr. «A morte de Cristo, vida do cristão», n.° 95, pág. 183.
[54] Cfr. Caminho, n.° 225.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

cia —; e, que haja concebido a sua vida como uma incessante catequese. Porque o sentido do pecado, no cristão, é inseparável do afã de corredenção: *esse modo supremo de exercer a liberdade* que atingiu a sua mais fecunda realidade no *fiat* de Maria, em quem o Amor de Deus, que se mostra tão grande mesmo quando a capacidade do coração humano é às vezes tão pequena, não encontrou o mínimo obstáculo [55]. Sublinhamos assim outro traço das *Homilias*: a profunda devoção à Virgem. Nenhuma termina sem considerar o papel de Maria na vida cristã. Porque, se Jesus leva ao Pai e ao Espírito Santo, a Jesus se vai e volta sempre por Maria [56]: «Muitas conversões, muitas decisões de entrega ao serviço de Deus, foram precedidas dum encontro com Maria. Nossa Senhora fomentou os desejos de busca, activou maternalmente a inquietação da alma, fez aspirar a uma transformação, a uma vida nova. E assim, o *fazei o que Ele vos disser* converteu-se numa realidade de amorosa entrega, na vocação cristã que ilumina desde então toda a nossa vida» [57].

Não são as nossas próprias forças sem o poder de Deus quem opera [58]: quando o cristão se decide a não lhe pôr limites, experimenta como Maria — nessa acção apostólica inseparável do amor a Deus — *a gozosa desproporção do fiat*. A vida corrente do cristão — normal, como o foi a da Virgem — converte-se assim nessa incessante catequese onde, através do trato de amizade leal e autêntica, com palavra amável mas cheia de força da verdade divina, se desperta nos outros a fome de Deus [59], e o cristão experimenta o gozo de que na sua fraqueza se revele o poder do *Omnipotente*: «neste quase meio século, *ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur* (Heb 5, 1), escolhido entre os homens, eleito por Deus para benefício das almas, fez com que a vida cristã fosse realidade diária, íntima na inteligência e no coração de um número incalculável de pessoas» [60].

R. GARCIA DE HARO

---

[55] Cfr. «A Virgem Santa, causa da nossa alegria», n.º 178, pág. 331.
[56] Cfr. Caminho, n.º 495.
[57] «Por Maria a Jesus», n.º 149, pág. 274.
[58] Cfr. «O Grande Desconhecido», n.º 133, pág. 248.
[59] Cfr. «Por Maria a Jesus», n.º 149, pág. 274.
[60] Apresentação das Homilias, de Mons. del Portillo, pág. 7.

Crónica

★ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO CANÓNICO

★ A PROPÓSITO DO SÍNODO

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei